

O PFL e o golpe do baú - II

No início da semana passada, após a primeira aparição do empresário televisivo Sílvio Santos, no seu programa dominical, como candidato presidencial à procura de uma legenda, traçamos alguns comentários iniciais sobre este lance bastante ousado. Agora, que este episódio começa a se tornar um pouco menos nebuloso, tentamos uma análise intermediária dos fundamentos e prováveis consequências deste caso.

Desde o ano passado, nos preparativos para a eleição à prefeitura de São Paulo, o fantasma de uma candidatura Sílvio Santos ronda a política brasileira. Entre junho e agosto de 1989, na época mais propícia para o lançamento e registro de candidaturas à Presidência da República, o nome de Sílvio Santos foi lembrado várias vezes pelo PFL, PL, PTB, entre outros partidos, junto com outras pessoas com grande apelo popular e/ou fortunas pessoais, como Jânio Quadros e Antônio Ermírio de Moraes. Porém, as gestões naquele período foram em vão.

Por que, então, foi "puxado" o nome de Sílvio Santos da cartola, faltando poucas semanas na campanha presidencial? A quem interessa? Descartando o raciocínio do próprio Sílvio Santos, de que "tem uma força maior, alguma coisa dentro de mim", algo sobrenatural empurrado-o para candidatar-se, o que até encaixa bem na cultura popular brasileira (sebastianismo, messianismo, predestinação etc.), a análise recai em outros fatores estruturais e conjunturais.

Embora as razões mais "aparentes" pela inusitada candidatura de Sílvio Santos ficaram por conta de: 1) o mau desempenho do candidato do PFL, Aureliano Chaves, e o desejo de uma parte da liderança deste partido em mudar para outro nome mais viável eleitoralmente; 2) o desespero de alguns líderes regionais (ministro João Alves, senador Hugo Napoleão, senador Marcondes Gadelha etc.) ao constatar as suas bases, outrora tão "dóceis e submissas", terem collorido em massa e/ou estarem encantadas com outros candidatos (Lula, Brizola, Covas), a ponto de faltar espaço político para estes grupos em 1990; e 3) a reação da família Sar-

ney contra os ataques constantes e veementes de Collor de Mello ao Governo e à pessoa do Presidente, e o cerceamento da família Sarney no Maranhão em 1990 (João Castelo já collorido, o prefeito Jackson Lago de São Luís fechado com Brizola etc.) — têm outras razões menos evidentes.

No início desta série de comentários sobre o "jogo político da sucessão presidencial", descrevemos as marchas e contramarchas das estratégias do transformismo, nas quais a elite dirigente (sistema), que manda no Brasil há 25 anos, desde 1964, tenta uma "missão impossível" — conseguir mais cinco anos por eleição direta. Nesta linha, avaliamos a eficácia de uma estratégia em dois estágios: 1) entre março e setembro ocupar o espaço político com uma candidatura calçada num eficiente marketing político — "anti-sistema", para que 2) na reta final da campanha em outubro, puxar um "fato novo", uma candidatura mais viável, mas principalmente mais confiável e manipulável, do ponto de vista do sistema em 1990-1995. No início de outubro, parecia ser este candidato do segundo estágio Afif Domingos, mas sendo que não deu pé, não decolou na opinião pública, lança-se agora o nome de Sílvio Santos.

Ontem, o Palácio do Planalto distribuiu uma nota desmentindo a versão publicada num diário carioca de que o lançamento de Sílvio Santos fora realmente acertado na casa do general Ernesto Geisel com a presença do próprio Aureliano, seus ex-alunos general Leonidas Pires Gonçalves e general Ivan de Souza Mendes. Se assim se deu o mago palaciano em comunicação social, Augusto Marzagão, atuou bem como agente desta "Operação Chavez", mas não foi o pai verdadeiro da idéia. Por este raciocínio, a cúpula militar ligada ao sistema, que elaborou as estratégias iniciais de um transformismo "lento, gradual e seguro", a partir de 1974, não aceitaria nem um torneio mecânico e nem um psicopata na Presidência. Por que não tentar um "fato novo" com um sujeito totalmente noviço à política, mas com

grandes dotes de comunicação social, para que independentemente do que seu governo faça ou deixa de fazer, possa sempre manter seus índices de aprovação popular muito altos? Melhor ainda se esta pessoa pudesse "delegar" quase todas as responsabilidades operacionais a uma equipe de "técnicos" competentes, e como Presidente se preservar para as grandes decisões e eventos televisivos. Pensando bem, este foi o "modelo Reagan" que levou os EUA em oito anos a ter a maior dívida externa do mundo, aumentar perigosamente os déficits comercial e público, e ainda mergulhou o País no escândalo "Irã-Contras".

Nesta direção, podemos concluir que as razões dos desesperados "líderes do PFL nordestino", ou os "caprichos da família Sarney", são nada mais de que uma ardilosa cortina de fumaça para esconder a verdadeira estratégia deste jogo entrecortado e delicado.

Falta ainda algumas peças deste enigma. Por que o candidato Aureliano Chaves, que sempre foi muito ligado ao general Geisel e aos militares, bateu pé recusando "entregar a rapadura" de bandeja para Sílvio Santos? Pode até fazer parte deste jogo de cena, mas não creio. Este acidente de percurso, que privou Sílvio Santos do segundo maior espaço no horário do TSE, poderia ser debitado por conta da obstinação e indignação de um político mineiro de estopim muito curto. Sempre, neste tipo de "leilão de legenda", suspeita-se que vultosas somas de dinheiro (usualmente em dólares) trocam de mãos. Sendo que em seus quase 30 anos de vida pública, Aureliano Chaves nunca teve uma sequer acusação de corrupção ou de enriquecimento ilícito com base em politicagem, não seria agora que sairia de cena com este tipo de suspeita pairando no ar.

Se esta hipótese extraída das estratégias de transformismo tiver fundamento, quais seriam os desdobramentos e as consequências imediatas e de médio prazo que poderíamos esperar? Trataremos disto amanhã.